

APRESENTAÇÃO

A *Ribanceira* – Revista do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará – é uma publicação semestral, por meio eletrônico, que nasceu da vontade dos professores do Departamento de Língua e Literatura (DLLT) construírem um instrumento de divulgação dos trabalhos de pesquisa, de extensão e de ensino, incluindo-se aí o resultado de suas notas de aula e orientações na iniciação científica e nos cursos de pós-graduação. Trata-se de um espaço amplo e aberto para as contribuições universais de todos os demais departamentos do Centro de Ciências Sociais e Educação interessados em publicar trabalhos na área da linguagem e da literatura com o intuito de fomentar o debate acadêmico e ampliar horizontes teóricos para, sempre que possível, fazê-los convergir e dialogar.

Cumpramos lembrar não ser esta a primeira vez que o Curso de Letras lança uma revista. Na gestão da Prof^a Elisa Pinheiro, publicou-se a *Interletras*, que, entretanto, não ultrapassou o primeiro número. Não datam de agora, por conseguinte, nem o anseio de alguns professores por ter um órgão de divulgação de seus trabalhos acadêmicos, nem o empenho dos gestores, auxiliados por alguns de seus pares professores idealistas, em viabilizá-lo. Isso explica, também, o surgimento de *Ribanceira*.

A escolha do título – *Ribanceira* – faz alusão a um dos romances do estimado romancista paraense Dalcídio Jurandir, autor de um conjunto primoroso de obras conhecido como *Ciclo do Extremo Norte*. Mas, indo além, pensamos também no sentido dicionarizado: *margem alta ou íngreme; lago ou rio*. Reunidos os dois motivos, quisemos expressar com a escolha deste título o nosso desejo de empreender um vasto olhar sobre o universo variado, e por vezes diverso, das nossas águas intelectuais. É certo que se pode pensar também em *precipício*, mas caso pensemos nesse outro sentido, lembremos que do precipício, do *Caos*, toda a matéria do mundo se formou, segundo atesta a mitologia grega. Apostamos aqui na força primeira e criadora, capaz de distinguir e separar os saberes sem excluí-los mutuamente. Então, que assim seja o nosso precipício, nossa *Ribanceira*.

Em *A Questão da Universalidade na distinção da Classe de Palavras: nomes* Mara Jucá problematiza critérios de classificação das palavras, particularmente daquelas

designadas Nomes, atentando para a vontade teórica de se atingir uma categorização universal. Apoiada em significativo referencial, a autora utiliza uma metodologia comparativa para demonstrar como as funções dos nomes substantivos podem ser verificadas na frase, considerando-se sua existência em diferentes línguas. Ao mesmo tempo mostra-se como as línguas diversas podem reservar aos substantivos diferentes formas de flexão e como as abordagens gramaticais privilegiam diferentes pontos de vista para chegar a uma definição de nome substantivo.

Raphael Bessa escreve seu *Como é que posso com este Mundo?- a composição do Absoluto em Guimarães Rosa* sobre a possibilidade de lermos em Rosa um ato criador que intenta atravessar as referências duais e imanentes do mundo regional em direção ao metafísico e universal da existência. Segundo o articulista, através do preceito filosófico Zen budista o ficcionista mineiro amplia as possibilidades existenciais de seus viventes das *Primeiras Estórias* e de *Grande Sertão: Veredas*, conduzindo-as por um angustiante caminho de descobertas e questionamentos que os levará a compreensão do que transcende a existência material.

Em seu texto, *A Relíquia (Eça de Queirós): Anticlericalismo e (anti) religiosidade para além da Paixão de Cristo*, Antonio Augusto Nery leva-nos a uma incursão por um dos textos mais conhecidos do escritor português à procura das investidas da obra contra o conservadorismo católico que atingiu toda a mentalidade lusitana, inclusive as artes. Nery aponta os vários instantes d'A *Relíquia* em que está presente a crítica a pressupostos da religião, para além do anticlericalismo. Neste trabalho ainda encontraremos valiosa nota sobre o risco de alocarmos este texto de Eça na rigidez da escola realista, haja vista à grande variedade de estilos dos quais se vale o autor em sua composição.

Em *O Ensino da Literatura*, Alonso Jr. sugere a necessidade de não perdermos de vista o entendimento da Literatura como arte, o que, na opinião do articulista, de modo algum significa abandonar a perspectiva de que o texto literário é também expressão da cultura e da história. Situa o crescimento da crítica marxista nas décadas de 60 e 70 por conta dos episódios históricos do Brasil naquele momento e a de matiz antropológico na visibilidade que o problema identitário ganhou com o advento das mídias sociais. Às voltas com a questão do que seja pertinente ao ato de ensinar

literatura, este artigo chama a nossa atenção para a necessidade de atentarmos mais para o estético, enfim, para a forma e seus recursos expressivos capazes de criar o Belo e induzir à contemplação.

O artigo de Larissa Drigo Agostinho, *Le Désir Sans Forme*, destaca um dos motes principais da produção poético-filosófica de Georges Bataille, a questão do erotismo, tomando como eixo principal de análise o conceito da descoberta da subjetividade por meio das ligação com o Mal, bem como sua relação com a morte. Consubstanciadas no cenário da sociedade moderna, a identificação do erotismo na escritura dos sujeitos mostra-se, em verdade, uma representação da (des)continuidade que somos. Qual a presença da morte, objeto fascinante do homem, o erotismo, o mal, o desejo e a linguagem tornam-se particularidades que se interseccionam na literatura de Bataille, mostrando-se ambíguos, fascinantes, mas ao mesmo tempo repugnantes.

Elielson de Souza Figueiredo, em *Age de Carvalho Transformado*, apresenta uma leitura crítica da obra do poeta paraense Age de Carvalho sob a perspectiva da corrente existencialista sartreana, concluindo a íntima relação que há entre o Ser e o Mundo e a posterior crise da criação poética. A partir da leitura da obra *Trans* (2011), Elielson estabelece na poesia de Age uma aproximação que há entre o jogo semântico das palavras e as particularidades inerentes do Ser enquanto transformação poética. Revelando-se qual palimpsesto, a produção da escrita poética torna-se resíduo – palavra-coisa –, traço inconcluso na poesia, que resta ao artífice da palavra manusear de forma engajada para revelar-lhe o sentido existencial e estético.

Em *Curso de Letras da UEPA: uma análise do perfil dos alunos que ingressaram em 2013*, Ioneli Bessa Ferreira discute o deslocamento crítico do labor docente dos discentes recém-ingressados nas turmas de Letras da Universidade do Estado do Pará. Por motivos outros e diversos, que não o de realmente terem optado pela vida de magistério na área das Letras, os alunos - alvos da pesquisa -, tendem à escolha da graduação na licenciatura em Letras não por vocação, mas por opção segunda diante do dilema inoportuno do vestibular. O trabalho de Ioneli capta também certa tendência à negligência, por parte dos calouros, em relação à própria educação humanística e pedagógica. Trata-se, em particular, de problematizar, na graduação, os rumos profissionalizantes relativos a o exercício docente.

Bruno Gomes Pereira, Jennifer Silva e Silva e Jéssica Bruna Menezes da Silva, em *Como trabalhar variação linguística e gramática em sala de aula: uma reflexão*, refletem sobre um dos maiores percalços encontrados na docência do ensino de língua na sala de aula: a oposição das visões gramatical e linguística no processo de variação da língua. Apesar da incisão, já deveras dolorosa, provocada pela aplicação dos conhecimentos linguísticos à docência de ensino de língua materna - anteriormente dominada pela visão gramatical -, os autores sugerem uma reflexão pacificadora: a das modalidades diferenciadoras provindas da linguística, que sublevam as dicotomias e antinomias da gramática e da própria linguística, implicando numa oportuna ampliação do horizonte contextual do aluno.

Para concluir, gostaríamos de agradecer a todos os que tornaram possível a publicação dessa revista. Tanto aos nossos colaboradores externos pelo excelente nível da pesquisa intelectual, representados nos artigos aqui publicados; quanto aos colegas do DLLT, e, em especial, ao Coordenador do Curso de Letras, Wenceslau Otero Alonso Jr., pela dedicação particular no auxílio ao processo de elaboração, revisão e editoração do presente periódico.

No ato de entrega destes artigos ao público, a ele dedicamos nossas reflexões, pois que nele reconhecemos a afinidade maior que nos une, a saber, o fato de que juntos, autores e leitores, constituímos aquele conjunto especial de seres dedicados à compreensão da esfera das Letras, seja ela referente à Literatura, seja ela referente à Linguística. Boa leitura a todos!

Elielson de Souza Figueiredo

e

Raphael Bessa Ferreira

Editores da Revista Ribanceira